

Krishnamurti, J. - "Diálogos sobre a Vida", Cultrix, São Paulo, 1981, pág. 39.

"Desejo consultá-lo a respeito do vazio infinito. Tenho um sentimento desse vazio e penso ter-lhe atingido as fronteiras, mais de uma vez, em minhas peregrinações e meditações." Citou então um *sloka*, para explicar e fundamentar sua experiência.

Se você me permite ponderar, a autoridade de outro, por maior que seja, não constitui prova da verdade de sua experiência. A verdade não necessita de provas por meio de ação e tampouco depende de qualquer autoridade; ponhamos, portanto, de parte tudo quanto é autoridade e tradição e tratemos de descobrir por nós mesmos a verdade relativa a esta questão.

"Isso me seria difícilimo, porque estou todo entranhado de tradição. Não de tradição mundana, porém dos ensinamentos do *Gita*, do *Upanishades*, etc. Seria correto eu abandonar tudo isso? Não seria ingratidão de minha parte?"

Aqui não se trata, de modo nenhum, nem de gratidão nem de ingratidão; estamos interessados em descobrir a verdade ou a falsidade desse vazio de que falou. Se você seguir o caminho da autoridade e da tradição, que é conhecimento, só experimentará o que deseja experimentar, ajudado pela autoridade e pela tradição. Isso não será descobrimento; será coisa já conhecida, que se reconhece e experimenta. A autoridade e a tradição podem estar erradas, ser uma confortadora ilusão. Para descobrir se é verdadeiro ou falso esse vazio, se ele existe ou se é mera invenção da mente, esta deve estar livre da rede da autoridade e da tradição.

"Pode a mente libertar-se por si mesma dessa rede?"

A mente não pode libertar-se porque todo esforço de sua parte, para libertar-se, tecerá uma outra rede em que ficará presa de novo. A liberdade não é um oposto; ser livre não significa estar livre *de* alguma coisa, não é um estado isento de grilhões. A ânsia de libertação forja seus próprios grilhões. A liberdade é um "estado de ser" não resultante do desejo de ser livre. Quando a mente compreende isto e percebe a falsidade da autoridade e da tradição, só então o falso desaparece e morre.

"Pode ser que minhas leituras e reflexões nelas baseadas me tenham, induzido a sentir certas coisas; mas, independente de tudo isso, desde

menino eu sinto vagamente, como em sonho, a existência desse vazio. Sempre existiu como que uma sugestão dele, um nostálgico sentimento dele; e, tornando-me mais velho, minhas leituras dos vários livros religiosos vieram fortalecer-me esse sentimento, dando-lhe mais vitalidade e sentido. Mas começo a perceber o que o senhor quer dizer. Tenho-me apoiado quase que exclusivamente na descrição das experiências alheias, constantes das Escrituras Sagradas. Dessa dependência posso livrar-me, pois percebo agora a necessidade disso; mas posso fazer ressurgir aquele sentimento original, não contaminado, de algo que transcende todas as palavras?"

O que ressurge não é o vivo e novo; é lembrança, é coisa morta, e não se pode insuflar vida nos mortos. Reviver lembranças, e delas viver, é tornar-se escravo de estímulos, e a mente que depende de estímulos, conscientes ou inconscientes, se tornará, inevitavelmente, embotada e insensível. Tentar reviver algo é perpetuação da confusão; apelar para o passado morto, num momento de crise vital, é buscar um padrão de vida enraizado na decadência. O que você experimentou em menino, ou mesmo ontem, passou e acabou; se você fica apegado ao passado, você impede a experiência viva do novo.

"Como deve perceber, senhor, tenho sério interesse nisso; é uma necessidade urgente compreender e *viver* esse vazio. Que devo fazer?"

É preciso que a mente se esvazie do conhecido; todos os conhecimentos que acumulamos têm de cessar, de perder toda influência sobre a mente viva. O conhecimento é sempre do passado, é o processo mesmo do passado, e desse processo a mente precisa ficar livre.

O reconhecimento faz parte do processo do conhecimento, não é verdade? Para se reconhecer uma coisa é preciso tê-la conhecido e experimentado antes, e essa experiência está guardada na memória como conhecimento. O reconhecimento procede sempre do passado. Você pode ter experimentado, outrora, esse vazio e, por tê-lo experimentado uma vez, você anseia agora por ele. A experiência original apareceu sem que a tivesse buscado; mas agora você a busca, e a coisa que você está buscando não é o vazio, porém a renovação de uma velha lembrança. Para que ele surja de novo, é preciso que toda lembrança, todo conhecimento dele, desapareça. Toda busca para encontrá-lo deve cessar, porque a busca se baseia no desejo de experimentar o conhecido.

"Quer dizer, realmente, que não devo buscá-lo? Isso parece incrível!"

O impulso à busca tem mais importância do que a própria busca. O impulso influi na busca, guiando-a e moldando-a. O motivo de sua busca é o desejo de experimentar o incognoscível, conhecer a bem-aventurança de sua imensidão. Esse desejo fez nascer o experimentador ansioso de experiência. O experimentador está em busca de uma experiência maior, mais ampla e significativa. Uma vez que todas as outras experiências perderam o seu sabor, o experimentador anseia agora pelo vazio; temos assim o experimentador e a coisa que deseja experimentar. Começa assim o conflito entre os dois, entre "o que busca" e "o objeto da busca".

"Isso eu compreendo muito bem, pois é o estado em que me encontro. Percebo agora que estou preso numa rede que eu mesmo teci."

Tal como o está todo aquele que busca, e não apenas quem busca a verdade, Deus, o vazio, ou o que for. Todo homem ambicioso, em busca de poder, posição, prestígio; o idealista, o devoto do Estado; todo construtor de Utopia; todos estão presos na mesma rede. Mas, se você compreender, de uma vez por todas, o total significado da busca, você vai continuar a buscar o vazio?

"Percebo o significado intrínseco de sua pergunta, e já deixei de buscar."

Se é assim, qual é então o estado da mente que já não busca?

"Não sei; tudo se tornou tão novo para mim, que terei de me concentrar e observar. Dá-me alguns minutos, e então continuamos?"

Após uma pausa, ele prosseguiu.

"Percebo como isso é extraordinariamente sutil; como é difícil impedir o aparecimento do experimentador, do observador. Parece quase impossível evitar que o pensamento crie o pensador; mas enquanto existir pensador, um experimentador, tem de haver, evidentemente, separação da coisa que se experimenta, e conflito com ela. E o senhor pergunta: Qual é o estado da mente quando não há mais conflito?"

Existe conflito quando o desejo assume a forma de experimentador e se põe a buscar o que deseja experimentar; porque aquilo que se vai experimentar é também criado pelo desejo.

"Peço-lhe ter paciência comigo e dar-me tempo para compreender o que está dizendo. O desejo não só cria o experimentador, o observador, mas também o que se vai experimentar, observar. O desejo, portanto, é a causa

da separação entre o experimentador e a coisa que se vai experimentar, e essa separação é que sustenta o conflito. O senhor pergunta agora qual o estado da mente que já não está em conflito, que já não é impelida pelo desejo. Mas pode-se responder a esta pergunta sem haver um observador a observar a experiência da ausência de desejo?"

Quando você se torna cômico de sua humildade, ela desaparece, não é? Existe virtude quando deliberadamente praticamos a virtude? Esse praticar torna mais forte a atividade egocêntrica, a qual põe termo à virtude. No momento em que estamos cômicos de ser felizes, deixamos de sê-lo. Qual o estado da mente não envolvida no conflito do desejo? A ansia de descobrir faz parte do desejo que fez nascer o experimentador e a coisa que se vai experimentar, não é verdade?

"Sim, é. Sua pergunta foi para mim uma armadilha, mas sou-lhe grato por tê-la feito. Estou percebendo melhor as complexas sutilezas do desejo."

Não foi armadilha, não, porém antes uma pergunta natural e inevitável, que você mesmo teria de se fazer, no decurso de sua investigação. Se a mente não estiver sobremodo vigilante, lúcida, não tardará a prender-se de novo na rede de seu próprio desejo.

"Uma última pergunta: É realmente possível a mente libertar-se por inteiro do desejo de experiência, o qual sustenta a separação entre o experimentador e a coisa que deseja experimentar?"

Isso é o que você tem que descobrir. Quando a mente está de todo livre dessa estrutura do desejo, é ela, então, diferente do vazio?